

## JOÃO ANTÔNIO E GERMANO ALMEIDA: AS SOCIEDADES BRASILEIRA E CABOVERDIANA VISTAS SOB O PRISMA DA FICÇÃO

*Rubens Pereira dos Santos\**

A intenção desse trabalho é mostrar que existe em uma certa obra de arte literária uma estreita relação com a realidade social. Para demonstrar isso, fomos buscar dois exemplos nas literaturas de língua portuguesa: o livro de contos *Malagueta, Perus e Bacanaço*, do escritor brasileiro João Antônio, e o romance *O testamento do senhor Napumoceno*, do caboverdiano Germano Almeida. São dois textos, a nosso ver, muito representativos de uma literatura ligada ao social, crítica em relação ao mundo em que vivemos. Sentimos a necessidade de trabalhar as literaturas brasileira e caboverdiana, devido a muitos pontos comuns que encontramos entre elas.

Cabo Verde e Brasil, apesar das diferenças gritantes em relação às dimensões territoriais e às condições econômicas, apresentam aspectos culturais comuns. Os próprios caboverdianos ressaltam a semelhança entre brasileiros e ilhéus. Os intelectuais caboverdianos sempre procuraram manter relações com os autores brasileiros, porque avaliavam que o caminho traçado pelos "irmãos ricos do sul" em termos culturais, poderia ser o caminho caboverdiano. Daí um dos motivos da escolha. Um outro motivo é que desejamos dar seqüência a um trabalho iniciado por ocasião do doutoramento, quando estudamos comparativamente os romances *Vidas Secas* e *Os Flagelados do Vento Leste*, do brasileiro Graciliano Ramos e do caboverdiano Manuel Lopes, respectivamente. Na pesquisa pudemos perceber que a confluência é bastante grande e, com grata surpresa, estávamos diante de uma literatura madura, instigante e independente. O nosso encontro com os caboverdianos deu-se dessa forma. Por isso resolvemos continuar trabalhando com ela. Após esta breve introdução, passemos agora ao desenvolvimento de nossa proposição.

A literatura brasileira possui um número muito grande de obras que apontam para aspectos muito importantes da vida nacional. São textos vivos, dinâmicos, representativos de uma linhagem de escritores preocupados com as condições de vida da população brasileira. Neste sentido pode-se dizer que existe uma homologia entre a obra de arte literária e a sociedade. O escritor busca essa homologia, pois tem um objetivo artístico, e um outro, social, de denúncia ou de conformidade com certas condições humanas.

Retoma-se aquela velha discussão entre formalistas, estruturalistas e marxistas sobre a homologia arte/sociedade, só que sob uma outra ótica. Sem extremismos. A teoria do realismo socialista, por exemplo, não aceitava como literários textos que não estivessem ligados a uma nova visão do homem e da sociedade, qualquer escrito que optasse por algo experimental era desprezado. Está claro que isso era inaceitável, pois restringe a criatividade artística. Entretanto, também a posição oposta era incorreta: por ser contrária à posição socialista, muitos estudiosos partiram para o radicalismo, considerando as obras que tivessem a perspectiva social como motivo obras secundárias. A rejeição das duas posições em analisar com isenção os textos trouxe prejuízos ao estudo literário. Ocorre que deve-se procurar *no texto* todos os elementos que o apontam como artístico, sem a necessidade de carimbá-lo como bom ou mau texto, simplesmente porque o autor se fixa no social ou se utiliza de recursos puramente formais. E não apenas no texto, pois concordamos em alguns pontos com Goldmann (1979) quando diz:

*"...não cremos que o pensamento e a obra de um autor possam ser compreendidos por si mesmos se permanecerem nos planos dos escritos e mesmo nos planos das leituras e das influências."* (p. 8)

---

\* Universidade do Estado de S. Paulo.

Há obras que aliam elementos estruturais de grande solidez e uma história que representa a ideologia do seu autor. Não é por ser ideológico que o texto literário deve ser considerado negativamente. Temos uma infinidade de exemplos na literatura mundial de escritos comprometidos ideologicamente com determinadas filosofias e que, apesar disso, são textos que possuem o vigor estético. Dostoévski, Tolstói, Balzac são alguns dos escritores que podemos citar. A beleza e o vigor da arte literária está na harmonia do conjunto.

Não se deve ter uma idéia simplista do fazer literário. O autor, às vezes, envolve-se com questões coletivas de uma nação ou preocupa-se com a condição humana, que seus escritos repercutem diretamente em seus leitores, provocando reflexões, acordos ou desacordos, ações ou omissões. O texto ficcional passa a exercer o papel de um elemento provocador de reações concretas, em face da realidade apresentada.

A literatura brasileira possui muitos autores nesta linha, a começar pelos regionalistas, que tinham uma visão crítica sobre a sociedade da época, em especial em relação aos membros da elite dominante. Como exemplo, temos *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, um romance que denuncia o deplorável estado de miséria do flagelado nordestino, a sua luta contra a natureza e contra a opressão do coronéis. Jorge Amado também mostra esse problema, especialmente em obras como *Jubiabá* e *Mar Morto*. Tanto um como outro, a par dos inegáveis elementos estéticos ( a linguagem em Graciliano), há uma história que acena para a situação vivida pelo povo humilde e trabalhador.

Na escrita de Graciliano, por exemplo, não encontramos quaisquer tipos de proselitismo, o que vemos é o sofrimento absurdamente silencioso de uma família que se vê às voitas com o problema de sua sobrevivência, num ambiente hostil.

Recuando um pouco no tempo, temos um outro escritor – Lima Barreto – possuidor de uma obra fascinante, onde se realça a sociedade finessesecular, composta por uma burguesia desavergonhada e cruel, uma pequenoburguesia subserviente, e, à margem, o povo – miserável e impotente. A irreverência e a rebeldia de Lima Barreto fê-lo ser considerado "*persona non grata*", sendo proibido de atuar como jornalista nos grandes jornais do Rio de Janeiro. A sociedade zelava pela sua sobrevivência, condenando os rebeldes à penúria. Lima sentiu na carne os efeitos de sua revolta. Contudo, continuou a lutar contra aquela gente, criticando e defendendo os suburbanos, sua gente.

Lima Barreto deixou seguidores. Além daqueles quixotescos que viam no Brasil somente beleza e bondade, os Policarpus da vida, havia aqueles que se preocupavam com as camadas marginalizadas, a camada urbana, do subúrbio. Aquelas pessoas responsáveis pelo crescimento da cidade com seu trabalho, bem como os desempregados – malandros e mendigos – produtos de um capitalismo caboclo. Dentre esses seguidores, destaca-se João Antônio. Jornalista como Lima, João Antônio retratou essa fatia da sociedade paulistana. Autor do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, livro de contos que mostra a cidade de São Paulo operária, a sua vida noturna e clandestina, pobre e ávida por aventuras. Crítico, ele é o "voyuer", o "flâneur" benjaminiano que percorre as ruas da cidade em busca de histórias para contar. Seus personagens são retirados da realidade concreta, são reproduções de homens reais, que vivem nas fábricas ou no submundo, que vivem nos bairros ou nos becos pobres da cidade.

O conto que dá título ao livro traz a história de três rapazes, exímios jogadores de sinuca, que vagueiam pela cidade em busca de aventuras e de otários para vencerem. Algumas vezes encontram pela frente jogadores mais experientes e espertos e então passam à condição de otários também. O conto narra um dia na vida desses três personagens. Desde o ponto inicial, sem dinheiro, até a volta – também sem dinheiro – a casa. O leitor viaja com eles pela cidade. O leitor que conhece a cidade e sua vida noturna saboreia a história, pois ela com certeza proporcionar-lhe-á boas ou más recordações – não importa, ao leitor que não conhece a cidade a narrativa leva-o a um mundo mágico, de aventuras e de suspense.

O próprio autor fala sobre o conto:

"Malagueta, Perus e Bacanaço é o último do livro e conta as andanças aluadas e cinzentas de três vagabundos, malandros, viradores numa noite paulistana. Quebrados, quebradinhos, sem eira nem beira, partem da Lapa. Há esperança. Arrumariam dinheiro, virariam a cidade. Andam, jogam, caem, levantam, reviram subúrbios, de novo tropicam, ganham, perdem, desforram. Lapa, Água Branca, Barra Funda, Cidade, Pinheiros, Lapa. Como terminam é como terminam. Murchos, sovados, pedindo três cafés fiados." (*Antônio, João, p.10*)

Outros contos do livro falam sobre prostitutas, recrutas, crianças abandonadas, jovens desocupados, como aquele especializado em "chutar tampinhas".

A cidade de São Paulo é a referência. A sua paisagem nebulosa, cinzenta, de cidade-trabalho, a vida difícil e os momentos de lazer dos operários, moradores em bairros proletários, onde as únicas diversões são os bares e os campos de futebol, às vezes um parque de diversões. Cinema, só de vez em quando.

"O vento esfriou. Não sabia bem o quê, era um vazio tremendo. Mas estava procurando. Os ônibus passavam carregando gente que volta do cinema. Para essa gente de subúrbio mesquinho, semana brava suada nas filas, nas conduções cheias, cinema à tarde, pelo Domingo é grande coisa. Viaja-se encolhido, apertado. Os ônibus se enchem." (Antônio, João, p.19)

O que se tem é a microvisão de uma sociedade como a brasileira. Ao lado de uma elite dominante, exibicionista, e da pequeno-burguesia há massa trabalhadora – operários de todos os matizes. Ainda, oriundos da camada operária, há os desocupados e os malandros – que ou por escolha ou por necessidade vivem de pequenos expedientes, muitas vezes escusos.

A sociedade brasileira é vista através dessa parcela da população paulistana mostrada na ficção de João Antônio. Àqueles que acham restrita a visão, é bom lembrar que São Paulo é a cidade responsável por grande parte da economia brasileira, a cidade e o Estado constituem a síntese do Brasil. E em João Antônio a cidade surge em todo seu esplendor, as suas luzes, o seu caos. A cidade, apesar de sua rudeza, permite que se sonhe, e nos escritos de João Antônio percebe-se uma fina poesia na personagem que sente-se feliz ao ver uma criança, ao ver a natureza verdejante, ao ver a lua que "lá em cima, ganhava tons, parecia uma bola de ocre. Enorme, linda..." (idem, p.19)

Esperanças que iam e vinham, como os dias e as noites. Assim a vida caminhava, como na ficção, alheia a tudo.

A literatura tem muito a oferecer aos leitores no sentido do conhecimento da realidade. Basta a montagem do quebra-cabeças que o autor propõe. Nesta mesma linha de raciocínio, vamos viajar um pouco. Fazer o caminho de volta dos nossos descobridores. Vamos até a África, mais precisamente às ilhas de Cabo Verde. A literatura caboverdiana tem muitas ligações com a brasileira. Dos países lusófonos, talvez não seja exagero dizer que Cabo Verde, em termos literários, é o mais brasileiro dos países africanos. Historicamente, essa afirmação é comprovada pelo fato de que a literatura modernista brasileira foi fundamental para o desenvolvimento da literatura caboverdiana. Os claridosos – como eram chamados os fundadores e colaboradores da revista *Claridade* – afirmaram abertamente a sua simpatia pelos autores modernistas brasileiros, entre eles, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Jorge de Lima (na poesia) e Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos (no romance). Bandeira foi recebido com euforia, o Itinerário da Pasárgada foi o grande propulsor de duas correntes poéticas do Arquipélago: a corrente evasioneira e a corrente anti-evasioneira. A produção poética desse período foi muito intensa. Os romancistas caboverdianos destacaram a importância dos regionalistas brasileiros, em especial, Graciliano Ramos. *Vidas Secas* é o romance que no dizer de Manuel Lopes poderia ter sido escrito por um caboverdiano, devido à trágica situação do sertanejo nordestino por ocasião da seca idêntica à situação do ilhéu. *Os flagelados do vento leste*, obra-prima do escritor caboverdiano foi inspirado no romance de Graciliano.

Essa relação estreita entre as duas literaturas ainda produzem seus efeitos. Germano Almeida, escritor da nova geração, se não declara sua simpatia pela literatura brasileira, também revela pelo menos um interesse bastante grande pela cultura brasileira. No prefácio da edição brasileira de *O testamento do senhor Napumoceno* (Companhia das Letras, 1996), Mário Prata afirma que há mais livros de autores brasileiros na biblioteca particular de Germano de Almeida que na sua. E no desenrolar desse trabalho veremos que há realmente uma proximidade importante com uma certa literatura brasileira.

Germano Almeida escreve um livro que tem ligação com as obras de cunho sociológico, aquelas que auxiliam o estudioso das ciências sociais na classificação e na definição das classes sociais de determinado país. Trata-se da história de um comerciante de São Vicente, solteiro, que morre e deixa um testamento. Para surpresa do sobrinho, que acreditava ser o único herdeiro, o velho Napumoceno tinha uma filha, resultado de uma relação fortuita com uma ex-empregada. Os bens principais de Napumoceno foram deixados para a filha, cabendo pouca coisa ao sobrinho. Além disso, o documento apresentava estranhos pedidos, como a entrega do livro de poemas *Só*, de Antônio Nobre a uma mulher que fora a sua verdadeira paixão.

O testamento é o motivo que leva o narrador a contar a vida de Napumoceno na ilha de São Vicente, ele que era natural de São Nicolau. É a oportunidade para que o leitor conheça uma fatia da sociedade caboverdiana, que não difere muito das burguesias provincianas do terceiro mundo. Napumoceno – como representante da pequeno-burguesia – vivia entre dois mundos: o mundo dos negócios, onde o que contava era a perspectiva do lucro, e o mundo afetivo, onde a busca da felicidade era o que contava, felicidade que lhe parecia um desejo utópico. Aliás, neste ponto os desejos de Napumoceno correspondiam aos desejos de todos os homens, que de uma forma ou outra procuram encontrar a felicidade. Ele era um homem honesto, correto, mas que, às vezes, utilizava-se de certas malandragens para conseguir o seu objetivo. A sua ascensão no comércio foi um pouco estranha. Afinal, ele era apenas um balconista e, de repente, tornou-se o dono do negócio. Como o nosso objetivo principal é estudo do

texto narrativo e sua relação com a realidade prática, não nos alongaremos em análises o personagem, mas achamos que para introduzir o problema seria necessário esse pequeno intróito.

Em geral, Napumoceno era um homem metódico e solitário. Não se envolvia em questões políticas, só pensava no trabalho. Mas, depois de uma viagem, começou a interessar-se pelas leituras políticas, lendo em especial textos sobre a Segunda Grande Guerra. Teve consciência da situação de barbárie vivida por sua gente, a violência nas ilhas com pessoas espancadas nas ruas e casas incendiadas, provocadas pela presença das tropas coloniais. Porém, o seu espírito era de paz, queria que sua terra conservasse a pacatez, que continuasse a ser aquele paraíso perdido no caos do mundo.

Ainda, em relação ao arquipélago de Cabo Verde, o narrador aborda o problema da miscigenação em São Vicente. Aliás, fazendo um parênteses, lembramos do estudo de Gilberto Freyre (1940) sobre a colonização portuguesa nos trópicos, quando afirma que Cabo Verde é o grande exemplo da miscigenação, que se deu de forma pacífica e espontânea, graças ao caráter cristão do colonizador lusitano e graças a sua capacidade de adaptação.

Germano Almeida coloca a questão da miscigenação cultural, mas não da forma positiva com que Gilberto Freyre a distingue, ele vê no ilhéu vicentino um ser "leviano e fluido":

*"...São Vicente é uma ilha de povoamento recente, feito com recurso aos naturais das outras ilhas que a seca, a falta de trabalho e outras misérias forçaram à migração. Ora essas criaturas abandonam ilhas de fortes tradições próprias e já enraizadas formas de estar no mundo, para de repente se lançarem num espaço não só agreste como também relativamente hostil e onde, para sobreviver são obrigadas a miscigenar diferentes culturas regionais com o conseqüente prejuízo de nenhuma delas ser suficiente majoritária para se impor,"* (Almeida, Germano, 1996, p. 131)

As linhas acima foram escritas por Napumoceno e encontradas entre outros papéis pela sua filha Graça. O velho escrevera suas impressões sobre as ilhas de Cabo Verde, o caráter dos ilhéus as mudanças de comportamento em novas terras, acalentando, talvez, ambições políticas. São observações interessantes a respeito dos homens das ilhas: fala da robustez e da firmeza dos naturais de Santa Antão e Santiago, da manutenção dos valores sociais regionais, da mudança drástica que sofrem quando entram em contato com São Vicente. Além dessas misturas, São Vicente sofre também a interferência de outras culturas estrangeiras, em especial a inglesa:

*"...a população desta ilha viu-se, logo no início do processo de formação daquilo que poderia vir a ser uma sui generis cultura regional, submetida e influenciada por outra cultura a inglesa, não só poderosa como rígida e dominadora e que por isso mesmo passou a ser o ponto de referência essencial para todo residente desta ilha, sem prejuízo, bem entendido, da constante passagem de outras formas culturais estrangeiras menos notórias mas nem por isso menos marcantes. E a conseqüência de tudo isto é na verdade de o homem de São Vicente ser o mais inautêntico de Cabo Verde."* (Almeida, Germano, 1996, p. 132)

Como se pode notar, essas referências ao processo de formação cultural do caboverdiano correspondem à nossa intenção de, através da obra ficcional, compreender a sociedade caboverdiana. Germano Almeida faz uma incursão pelo mundo da antropologia, fornecendo ao leitor elementos auxiliares para o conhecimento de um povo. A obra literária presta este importante serviço e pode ser o ponto de partida para um estudo mais pormenorizado do homem ilhéu.

Ainda a respeito do personagem principal do romance, pode-se afirmar que Napumoceno é uma personagem forte, de certa forma picaresca, que faz lembrar o Ponciano de Azeredo – sempre azarado nas sua relação com as mulheres -, de **O coronel e o lobisomem**, romance de José Cândido de Carvalho.

## CONCLUSÃO

Diante do exposto, acreditamos ter demonstrado que a leitura atenta das duas obras leva o leitor a uma compreensão importante da sociedade brasileira e caboverdiana. Do lado brasileiro, as obras de João Antônio reproduzem a vida de São Paulo marginal, mostra um aspecto da cidade por muitos desconhecida, onde coexistem a riqueza – opulenta e ostentadora – e a pobreza – miserável e faminta. São aspectos que compõem a paisagem de uma sociedade representativa do sistema capitalista, em que, ao lado de um **exército de reserva, convive o lumpenazinato.**

Do lado caboverdiano, Germano Almeida mostra em seu romance uma parcela importante da sociedade caboverdiana, diversa da fatia apresentada por João Antônio. Vemos a pequeno-burguesia representada com suas ambições, paixões, contradições. Mostra o individual e o coletivo, procura apresentar uma sociedade urbana, dividida entre as ambições de ascensão custe o que custar e ideais de filantropismo. Não se encontra em Germano de Almeida o sentimento do trágico que dominou a literatura caboverdiana durante certo tempo, ele fala da seca e dos problemas do Arquipélago, mas com sobriedade. Há, ao nosso ver, uma preocupação de mostrar a dinâmica da vida urbana, a busca de melhores dias, mas sem aquele olhar trágico, impotente.

No início falamos sobre a questão da homologia. Falamos também da importância de se estudar o texto, pois somente ele é que poderá indicar-nos as suas prioridades. Jameson (1992) falou sobre a interpretação da narrativa, definindo-a como socialmente simbólica, o fato é que não podemos deixar de reconhecer que a obra literária é um produto social, tenha ela ou não um conteúdo sociológico. A obra de arte literária pode ser experimental, utilizar-se de apenas de recursos estéticos, mas continua a ser um produto social. Agora, há obras que, além de apresentar indiscutíveis elementos artísticos, também possuem um forte vínculo com a realidade prática. Isto não pode ser ignorado pelos estudiosos, pois tais obras nos dão ferramentas para o estudo da sociedade representada na narrativa. Foi o caso das duas obras que estudamos. O romancista que têm como tarefa reproduzir a realidade concreta do mundo em que vive, carrega com todas as tintas os seus personagens, a paisagem e a situação, ao leitor cabe receber a mensagem, decodificá-la, torná-la compreensível. A arte literária não tem apenas o condão de produzir o prazer (Barthes, 1973) mas também possui uma função que reputamos da maior importância: levar o leitor à reflexão a respeito da arte e da condição humana na sociedade, enfim pode representar uma tomada de consciência dos problemas que afetam o homem e pode significar o começo de uma luta para a melhoria de tais condições.

#### BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Germano. *O testamento do senhor Napumoceno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- Antônio, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.
- Barthes, R. *Le plaisir du texte*. Paris: Seuil, 1973.
- Benjamin, Walter. *Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: 1985.
- Freyre, Gilberto. *O mundo que o português criou*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.
- Goldmann, Lucien. *Dialética e Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- Jameson, Fredric. *O inconsciente político – A narrativa como um ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.

